OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 427

1 DE NOVEMBRO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Como tudo passa rapidamente n'este mundo e como os gloriosos de hoje são os completamente esquecidos de amanhã!

Morreu ha dias em França um escriptor francez que teve um tempo de verdadeira aura-europeia, e entretanto em torno d'elle fez-se n'estes ultimos annos silencio tal que muitos d'aquelles que d'antes devoravam com anciedade os seus livros, de quem elle era o auctor predilecto, ficaram agora muito surprehendidos com a noticia da sua morte porque julgavam que ha muito tempo já elle deixara de pertencer ao numero dos vivos.

Esse homem, esse escriptor era Alphonse Karr.

Se em vez de morrer hoje, elle tivesse morrido aqui ha trinta annos que bulha que a sua morte teria feito no mundo litterario?

Assim agora a sua morte passou quasi desapercebida até mesmo em França, e no estrangeiro os jornaes limitaram-se na maior parte a publicar seccamente o laconico telegramma da agencia «Morreu Alphonse Karr» levando alguns o promenor da informação a esta riqueza de *reportage* «Escriptor francez que teve em tempo certa nomeada e morreu com mais de 80 annos».

E em geral limitou-se a isto por esse mundo fóra o elogio funebre de Alphonse Karr.

O jornalismo portuguez não foi muito mais prodigo de palavras para com o auctor dos *Guêpes* e do *Sous les tilleuls* e comprehende-se bem isso, dado o esquecimento rapido a que esses livros foram votados, e a geração nova que enche as redacções dos jornaes e para quem Alphonse Karr é já quasi archeologico.

Entretanto eu, em nome da minha geração, embora ella me não tenha dado procuração para isso, não quero deixar desapparecer assim no tumulo esse homem a quem devemos os primeiros dos nossos enthusiasmos litterarios, sem ao menos termos algumas palavras de gratidão para este talento, que se apagou agora no tumulo e que teve um momento de brilho intensissimo embora de curta duração.

Um dos primeiros romances que eu li quando entrei no mundo, foi um romance de Alphonse Karr, o mais celebre de todos os seus romances, o famoso *Sous les tilleuls* que estava então em plena nomeada.

Li-o seis ou sete vezes, cheguei mesmo a saber capitulos d'elle de cór com grave prejuizo da grammatica latina em que sempre fiz má figura, e do *Guarda livros moderno* em que fiz completo fiasco.

N'esse tempo o *Sous les tilleuls* em que ninguem falla hoje, que ninguem pode lêr já sem interminaveis abrimentos de bocca, era um romance audaz, livre, quasi que pornographico que os paes e os perceptores afastavam cuidadosamente, escrupulosamente das mãos dos rapazes: passava como leitura só para homens e com certeza essa má fama não contribuia pouco para a avidez com que todos os rapazes d'esse tempo, apenas entrados na adolescencia o procuravamos, o liamos, o decoravamos.

E fosse lá alguem rir-se diante de nós dos augusteos amorosos do romantico Stephen, fosse lá alguem apontar-nos com um sorriso de ironico desdem algumas phrases como estas que Stephen dirigia ao velho dr. Huller.

«*Malediction sur toi vieillar! Tu veux sucrer le poison. Tu otes ton chapeau et tu me salues avant de me paignarder!*»

E não era só como romancista que Alphonse Karr imperava entre nós, fazendo nos preferir a todos nós que entravamos no mundo com fumaças de rabiscar, os seus romances, o *sous les tilleuls*, a *Clotilde*, a *Aguet de Cecile* aos *mosqueteiros*, do velho Dumas, e a toda a *Comedia humana* de Balzac que nos fazia dormir a somno solto, era tambem como pensador, e os seus livros *Les femmes*, *Encore les femmes*, andavam-nos sempre nas mãos os seus aphorismos eram citados por nós como bocadinhos de evangelho.

O pobre Alexandrino do Carmo, que

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — A NOVA CANHONEIRA «DIU»

(Desenho de J. Pardal)

antes de ser meu cunhado foi meu companheiro de mocidade, meu constante *confrade* na monomania litteraria e que tinha um talento brilhante que em pleno alvorescer afogou nas labutações do commercio para ganhar a vida, a vida que tão cedo perdeu, coitado!

O pobre Alexandrino do Carmo começou a publicar no *Braz Tizana* do Porto — porque nós não escolhiamos jornaes, iamos ao acaso a uns e a outros a vêr qual d'elles publicava os artigos que nós lhe mandavamos — uma serie de artigos a respeito das mulheres e que eram inspirados suggeridos pelas *Femmes* de Alphonse Karr d'envolta com a *Mulher* e o *Amor* de Michelet, outros evangelhos que nós tinhamos, a *Historia moral da mulher* de Legauvé e toda essa litteratura fermentada em voga no tempo.

E eram interessantes e bem feitos esses artigos do Carmo, ou pelo menos assim me pareciam n'esse tempo, pois ha vinte e cinco annos pouco mais ou menos que eu os li e nunca mais lhes tornei a pôr a vista em cima. Quando ha cinco annos o pobre Carmo morreu, procurei cheio de curiosidade entre os seus papeis esses *Braz tizanas*, e não os encontrei, e tive pena porque tinha vontade de tornar a lêr esses artigos que foram escriptos ao meu lado e que me aviva mais as recordações d'esse bello tempo que já la vae ha que annos!

* * *

Mas voltando a Alphonse Karr.

O nosso enthusiasmo pelos seus livros de pensamentos, aphorismos, anecdotas e historiettas era muito mais justificado que o que tinhamos pelo *Sous les tilleuls*; reconheci-o ha cousa de dez annos quando vindo parar-me ás mãos esse tal romance o estive folheando sem poder encontrar na leitura dos capitulos que d'antes me encantavam, senão uma grande sensação de fadiga e de tedio.

A obra romantica de Karr era typica d'uma epoca: passada a epoca a obra morreu como não podia deixar de ser e de toda a sua volumosa bagagem litteraria só ficaram de pé, as primeiras *Guêpes*, que as segundas, as que elle tentou fazer remover em 1869 já não tinham nem o mesmo brilho, nem o mesmo vigor nem o mesmo espirito e esses encantadores livrinhos *Les femmes*, e *Encor les femmes*.

Entretanto entre os romances de Alphonse Karr ha um em que não fallam os proprios chronistas parisienses que tratando agora do velho escriptor foram para com elle mais amaveis — porque alguns trataram-no com um desdem brutal com que decerto o não tratariam se elle tivesse ainda na mão a penna que escrevera as primeiras *Guêpes* — e que me parece ser de todos elles o mais digno de menção pelo menos o mais original e que apesar de muito descosido na forma tem uma idéa humoristica de primeira ordem — *Feu Bressier*.

Li esse livro ha muitos annos mas — e é isto que me prova que n'elle ha alguma cousa — ainda me lembro da sua acção principal e do seu desenlace singularissimo.

Trata-se d'uma alma sem corpo que anda pelo mundo á espera de encontrar duas boccas que se amem n'um beijo de verdadeiro e desinteressado amor para tomar forma corporea.

Como é de prever a pobre alma anda n'uma verdadeira dança d'um lado para o outro á espera do tal beijo.

Por fim ha uma mulher e um homem que se casam por verdadeiro amor, amor puro, grande ideal.

Casam e d'esse amor poetico vae haver um fructo — um filho.

Dois vivem só para essa creaturinha que está para vir e a quem já até pozeram nome — Theodoro, se bem me lembro.

Mas a mãe aborta e o Theodoro vem ao mundo antes de tempo. E' recolhido em espirito de vinho d'entro d'um frasco e depois de servir de objecto de culto aos dois amantes, o fructo do poetico amor passa a servir de thermometro.

E passando certo tempo a esposa diz ao marido, muito naturalmente:

— O' menino, hoje leva chapeu de chuva que o Theodoro desceu!

* * *

A imprensa parisiense parece-nos que foi injusta para com este livro como injusta foi em geral para com o pobre Alphonse Karr.

O *Intransigente* noticiando n'uma simples local a morte do auctor das *Guêpes* chama-lhe *mumio esquecido*! a *Justiça* nem lhe chama escriptor, trata-o desdenhosamente de pamphletario, e salvo pequenas excepções, os jornaes de Paris noticiam a morte de Karr como noticiaram a morte do sr. Fulano ou do sr. Cicrano.

E entretanto esse homem na morte tão desdenhado teve um momento de celebridade e como é natural, como acontece sempre o elogio então foi tão exaggerado, como exaggerado foi, depois o desdem da geração moderna e um dia Arsenio Honsage chegou a dizer que Alphonse Karr era um pensador da familia de Montaigne e de Voltaire.

Se Alphonse Karr tivesse morrido então, se tivesse morrido no tempo das suas legendarias *soirées* do sexto andar da rua Viviénne, quando tinha por intimos Houssage e Theophilo Gautier, o grande Gautier que era doido por elle, que brincava com elle como se fosse uma creança e lhe fazia aquelles Kiriés de Karr que ficaram celebres na historia ultima da litteratura franceza contemporanea Karr-thaginois, Karr-ton-pierre, Karr-naval, Karr-touche Karr-aime! se elle tivesse morrido n'essa epoca, que enterro magnifico que teria, que pomposos necrologios lhe fariam os jornaes.

Deixou primeiro passar o seu tempo, morreu a sua geração, e morreu quando dos seus fieis só restava Houssage, quando já mais ninguem o conhecia a elle nem ao seu espirito, nem as suas obras, e por isso a sua morte passou sem fazer bulha nenhuma na França, onde o seu talento tanta bulha fizera *Sie transit gloria mundi*.

Gervasio Lobato

AS NOSSAS GRAVURAS

A NOVA CANHONEIRA «DIU»

Este novo vaso de guerra da marinha portugueza foi construido no Arsenal de Marinha e lançado á agua o anno passado.

Achando-se em publicação no Occidente um artigo sob o titulo «Apontamentos sobre a Marinha de Guerra dos Diversas Paizes, n'elle será feita a descripção e apreciação da nova canhoneira de que publicámos a gravura.

BAHIA DO RIO DE JANEIRO

O Rio de Janeiro é a capital da provincia d'este nome e capital do antigo imperio, hoje Republica dos Estados Unidos do Brazil. E' das cidades mais bellas e mais populosas da America do Sul, e a sua população ascende a cerca de 750,000 habitantes divididos pela cidade e seus arrebaldes que bem se podem considerar uma segunda cidade, porventura mais bella que a primeira, em que a maior parte das habitações são magnificas vivendas estabelecidas dentro de formosos parques a que chamam Chacaras, e em que um bem combinado systema de linhas de transways (bonds) permitte a facil communicação de uns pontos com outros da grande capital.

Nós publicando uma vista da Bahia do Rio de Janeiro, occupar-nos-hemos mais particularmente d'este magnifico porto, tão vasto quanto pittoresco, que surprehende agradavelmente o viajante logo á primeira vista.

Esta bahia é um dos mais vastos portos do mundo. Está situada em 22.° 54' de latitude Sul e 45.° 36' de longitude Oeste, medindo na sua entrada 1:350 metros de largura.

Porto perfeitamente disposto para a defeza, conta logo á sua entrada os fortes de S. João e o de Santa Cruz e Villa Galhão dispostos em pequenos ilhotes, a que juntaremos tambem as denominadas ilha dos Ratos e ilha dos Cabras, a da Lage, a de Paquetá, etc.

Uma das coisas, que mais para admirar se nos depara á entrada da Bahia do Rio de Janeiro é o grandioso morro denominado Pão de Assucar, que se avista a grande distancia da costa e ao sopé do qual assenta a fortaleza de S. João.

Este enorme morro eleva-se cerca de 400 metros acima do nivel do mar, no que, ainda assim, se lhes avantaja o Corcovado, que corre ao longo do Guanabara, e que se eleva cerca de 700 metros acima do nivel das aguas.

Tudo é extraordinario e grandioso n'aquelle mundo novo onde a natureza se revela com todas as suas forças prodigiosas.

A Bahia do Rio de Janeiro pode conter todas as esquadras do mundo, e isto basta para se fazer idéa da sua enorme extensão. De forma irregular, toda povoada de pequenos ilhotes, como dissemos, podemos medir da sua entrada até ao lado opposto ou Piedade, 30 kilometros e na sua largura ou Ponte da Pedra até Irajá 25 kilometros.

Foi esta Bahia a escolhida pelo portuguez Mem de Sá, para porto da cidade do Rio de Janeiro por elle fundada em 1567.

Ainda não ha muito lêmos n'um jornal francez um artigo a respeito d'esta bahia e da cidade do Rio de Janeiro, em que nem uma palavra se dizia a respeito do descobridor do Brazil, nem do fundador da grande cidade, mas em compensação dizia que era uma cidade franceza por n'ella dominar a vida franceza, dizendo ainda que os seus estabelecimentos eram todos francezes.

Não nos parece justo o dizer-se isto d'uma cidade que se tem feito á custa do muito sangue portuguez que ali se tem sacrificado, como em todo o Brazil, onde a colonisação portugueza tem sido o principal elemento das prosperidades d'aquelle paiz.

Isto é tão sabido e geralmente reconhecido, que só uma supina ignorancia ou requintada má fé podem explicar estas repetidas faltas commettidas por estrangeiros, sempre que se referem a cousas portuguezas ou que tenham alguma relação com Portugal.

Não sabemos até como o articulista francez não arranjou algum compatriota seu, por descobridor da America ou fundador da grande capital, no que de resto não seria o primeiro a fazer d'estas invenções.

SÉ DO FUNCHAL

Foi em 1514 que El-Rei D. Manoel alcançou do papa Leão X a criação do bispado da Madeira, primeiro e unico n'aquella época nos vastos dominios de Portugal em Africa e India.

Para primeiro bispo d'esta diocese foi nomeado D. Diogo Pinheiro primeiro dignatario ecclesiastico da Ordem de Christo e vigario da mesma Ordem em Thomar, o qual se intitulou pomposamente: *D. Diogo Pinheiro, Doutor in utroque jure, Vigario Geral por authoridade da Sancta Madre Igreja de Roma, no espiritual e temporal de toda a ordem & Cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo, & na Villa de Thomar, de Santarem, & de Sancta Maria de Africa, & Bispo das Ilhas da Madeira, dos Açores, de Cabo Verde, da Ethiopia, das Indias, immediaté á dicta Sancta Madre Igreja de Roma.*

Tão vasto titulo que indicava tão grande alçada ficou redusido no reinado de D. João III ao bispado da Madeira suffraganeo do arcebispado de Lisboa, hoje patriarchado, cabendo-lhe assim o titulo, que ainda hoje conserva de *Bispo do Funchal, Porto Santo, Dezertas e Arguim*.

Foi, como se disse, no reinado de El-Rei D. Manoel que se criou a diocese da Madeira, e foi tambem este monarcha o fundador do edificio da Sé no anno de 1508 no Funchal, tendo-se escolhido para este effeito um vasto terreiro hoje transformado em praça da Constituição, uma das melhores da cidade.

Tem o edificio a grandeza de quasi todas as edificações mandadas fazer pelo afortunado rei. A sua architectura é de estylo gothico na transição para a renascença. Tem tres naves e dez capellas com magnifica talha dourada. As paredes são revestidas de bellos marmores e pinturas, algumas de merecimento mais que vulgar. Ha uma coisa, porém, muito para admirar n'esta sumptuosa edificação, é o magnifico tecto de madeira de cedro da ilha artisticamente entalhado em alto relevo, sobresaindo o tecto da capella mór, um verdadeiro primôr no genero.

A Sé do Funchal tem soffrido varias reparações para a sua conservação, sendo as mais importantes as que se effectuaram durante o governo do sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro.

LOCOMOTORA ELECTRICA «IMMISCH»

Talvez preferivel á locomotora electrica Siemens, appareceu uma nova locomotora aprefeiçoada de M. Immisch.

Esta nova locomotora electrica é de acumuladores, tem o peso de 2,500 kilogrammas e funcciona sobre uma via de 52 centimetros. A bateria de acumuladores está colocada na plataforma e compõe-se de quarenta e quatro elementos Tatham. Cada acumulador d'esta especie comprehende desanove placas e tem o peso de 25 kilos.

Em uma linha curva ou accidentada de rampas, esta locomotora pucha um comboio de vinte wagons com o peso de 11:000 kilos e em terreno

plano póde arrastar trinta wagons com o peso de 16:000 kilos.

Esta locomotora que se póde applicar a varios serviços agricolas e á tracção de carros de passageiros, está sendo empregada ha já algum tempo no serviço de minas, principalmente em Inglaterra, com vantagem sobre outras machinas semilhantes empregadas no mesmo mister.

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA

COMMANDADA PELO MAJOR

HENRIQUE DE CARVALHO

III

Diremos hoje algumas palavras sobre o novo livro do major Carvalho, *A Lunda — Territorio portuguez*, que s. ex.ª nos offereceu.

N'esta «*Memoria*,» o major Carvalho, declara *dominios da soberania de Portugal* os Estados de Muatiânvua.

E' comprovada esta declaração pela antiga expansão e influencia dos portuguezes, — pelas convenções com as nações estrangeiras e Estado do Congo, sobre a divisão politica do continente africano; declarações e convenções com diversos potentados dos Estados indigenas; pelas embaixadas que teem vindo á capital da provincia de Angola, e, principalmente, pela correspondencia official trocada entre o major Henrique de Carvalho, o chefe da expedição portugueza ao Muatianvua, com as diversas auctoridades portuguezas e indigenas.

O commercio do interior da nossa Africa está sendo deslocado para as possessões estrangeiras...

Porque, o allemão e o inglez, na permuta com o preto entregam genero *europeu* muito melhor do que o *nosso* e pagam o genero indigena mais caro do que os portuguezes.

Entende por isso, o major H. de Carvalho, e a nosso vêr entende muito bem, que se deve abrir immediatamente um caminho, o mais directo possivel, de S. Salvador do Congo a Mueneputo Cassongo e d'aqui ao Caungula.

Este caminho seria de uma incontestavel vantagem tanto para o commercio da nossa provincia do Congo como para a de Angola, particularmente no porto do Ambriz, porque estreitaria relações com os povos de Muata Cunbana, fronteiriços do grande Caungula, onde estão inexplorados o marfim, borracha, etc.

Em officio de 27 de maio do corrente anno para o ministerio, da marinha dizia o major Henrique de Carvalho:

«... estão dados os primeiros passos para de accordo com a missão de S. Salvador do Congo, a de Campana em Malange, sua delegacia no Cuangula e os chefes das occupações que ultimamente lembrei de Muene Puto Cassongo e de Capênba da Mulêmba, nos fixarmos com segurança no norte do Estado do Muatiânvua em regiões não exploradas por estrangeiros e evitarmos que estes pelo Estado Livre do Congo, ultrapassem os limites que os representantes d'esse Estado para si tomaram na conferencia de Berlim.»

«Por outro lado sendo politico não perdermos Quimbundo que é um bom ponto estrategico e onde existem os estabelecimentos de Saturnino Machado, que soube sempre sustentar as relações do seu antecessor e socio Carneiro com o Muata subdito de Muatiânvua e Quiocos visinhos de grande importancia, Congolo, Muxico (Quiniâma) Ambumba e Quissêngue, deve aqui collocar-se tambem uma delegacia da missão de Campâna em Malanje e assim teremos até ao rio Chicapa tomados os pontos principaes donde irradiará a influencia portugueza exercendo acção prompta até ao Cassai, e sem receio de contestação nem dos povos naturaes nem de europeus estrangeiros.

«E ligados os pontos principaes por caminhos o mais directos possivel, essa nova area além do Cuango fica garantida á acção do nosso commercio de Angola.»

«Mas além do Chicapa entre os rios Luembe e Cassai e depois d'este até ao Lubilaxi, ha trez estados seguidos ainda ao norte, importantes, que não devemos perder de vista, *Mataba*, *Uanda* e *Canhiuca*, que são cubiçados pelos agentes do Estado Independente do Congo. N'estes estados ha vasto campo para explorações e por emquanto, de *brancos*, os Portuguezes são os unicos que os seus povos conhecem.»

Dos povos *Mataba* dá-nos Henrique de Carvalho noticia completa indicando que vivem na extenção região comprehendida proximamente na Lattitude de Sul de 7°, 30' a 9°, 30' — onde ha abundancia de caça, as suas florestas de alteroso arvoredo são quasi virgens, os troncos estão ainda envolvidos por grossas trepadeiras de que se extrahe a borracha; e, não se conhecendo, em Mataba, o processo da extracção da borracha póde dizer-se que está ali para os nossos compatriotas um rico emporio commercial.

Alem de que, a região a que nos referimos, é cortada pelos rios Cassai, Luembe, Luia, Ruio e Luachimo, abundando em minerio, ferro, cobre e outros metaes; o tabaco fabricado pelos indigenas é considerado um dos melhores. Os povos de Mataba, por uma arma lazzarina e polvora, dão os seus melhores productos. Ahi fica a indicação para os nossos negociantes. As povoações maiores são: Caungula, Ambinji e Mucanza Anguvo.

*
* *

Os povos *Uandas* estão divididos em duas tribus, denominada a do norte *peles-barrigas*, e a do sul *peles-animaes*.

Os *peles-barrigas* vivem em estado completamente selvagem, não usam pannos, distendem a pelle da barriga ate cubrir as partes genitaes; são anthropophagos O elephante vive entre elles, e os *Uandas* caçam-no com harpões. Como são muito ageis vencem sempre o animal. Matam o elephante para comer e dos dentes de marfim fazem deffezas nos cerrados em que vivem.

Comtudo seria possivel civilisal-os, como affirma o major Carvalho, por meio de uma missão religiosa com sede na margem esquerda do Lulûa, onde os *Uandas* obedecem a Tambua Cabongo, potentado amigo dos portuguezes.

Os *pelles-animaes*, do sul, são os que incontestavelmente teem evitado o contacto de estranhos com os do norte. Convem-lhes a ignorancia e selvageria dos *pelles-barrigas* para mais facilmente os dominar e são elles que obstam á ligação, inclusivamente com o povo da côrte do Muatiânvua, á qual em parte estam subjeitos. Porque se não fosse assim estava perdido o trabalho de mestre Stanley...

E' quasi inaccessivel, o paiz, á mão armada, porque os naturaes teem um systema de defeza original mas de seguro effeito. Quando esperam qualquer incursão nas suas terras, collocam nos caminhos sob o *capim* ferros envenenados, e a mortandade dos arrojados tem sido tanta que até hoje nenhum dos povos lemitrophes se tem atrevido a invadir os *Uandas*. Fabricam arma branca, cujos fios sempre teem o cuidado de trazer envenenados, trabalham em cobre e ferro os seus adornos guerreiros, e tecem *mabellas* (especie de mantos) finas e grossas. Muitos d'estes trabalhos chegam á Mussumba do Muatiânvua.

Os belgas do sr. Henry Stanley já tentaram arpoar os povos Chilanges ao nôrte dos *Uandas*, mas seriam todos *sachinados* se não fosse o negociante portuguez Antonio Lopes de Carvalho que interveio em favor dos nossos *amigos* belgas. Depois do *inglez* é o belga de Stanley, o nosso melhor amigo. E os portuguezes sempre a auxiliarem os bandidos que os vão roubando! Ainda que peze ao benemerito compatriota, o sr. Antonio Lopes de Carvalho, não approvamos o seu procedimento. Em Africa, devemos ser todos *stanley-arnot* para tudo que não seja portuguez. Na guerra como na guerra. O estrangeiro lança contra nós a calumnia, o veneno, o fuzilamento. Leiam a *Independence belge* a respeito do nosso Muatiânvua, lembrem-se do assassinato do nosso querido Silva Porto, e do fuzilamento dos nossos cypaios, e digam-nos se não ha, da parte dos portuguezes, todo o direito em represalias?...

*
* *

Quanto aos povos da *Canhiuca* (visinhos dos Uluas do Zaire) estam situados a leste dos *Uandas*, tendo por fronteira a oeste o rio Calânhi. É cortado este rico paiz pelos rios Malungo e Lubilaxi.

E' da *Canhiuca* que o grande Muatiânvua se fornece de marfim; é este rico paiz o mais cubiçado pelos allemães e pelos amigos de Stanley.

E é dos *lundas* que o nosso commercio de Angola recebe o marfim; e assim logo que os povos de *Canhiuca* sejam tomados pela gente de H. Stanley deixa «de correr o marfim» para a Lunda, e deixando o Muatiânvua de o receber na sua Mussumba, nunca mais torna apparecer marfim em Angola.

Recommenda patrioticamente o sr. Henrique de Carvalho no seu excellente livro «*A Lunda — Territorio purtuguez*» que não nos devemos demorar em occupar, já, os seguintes pontos ao norte da Lunda: — *Mataba Uanda* e *Canhiuca* — para evitar a expansão no sentido sul do Estado livre do Congo.

Tem razão o illustrado militar e valente africanista, porque os factos por elle apontados teem fallado bem alto; ninguem quiz ouvir o que se recommendava a respeito do Barotze: e o resultado, foi, aquella região, estar hoje em poder dos missionarios estrangeiros, que destacaram da sua capital, Lialui, o padre Stanley-Arnot que chegado ao Bihe deu logo signal de si, deixando como recordação immorredoura da sua passagem o cadaver de Silva Porto!

Não nos podemos alongar mais sobre a nova obra do sr. major Henrique de Carvalho, porque havemos de voltar a ella em outros numeros logo que tenhamos lido a descripção de toda a viagem; por isso que apenas conhecemos o trabalho do benemerito militar até a passagem do Cuango, sitio onde começa a Muatiânvua em relação á Angola.

D'aqui pedimos, instantemente, ao sr. conselheiro Antonio Ennes que, seguindo as justas indicações do major Carvalho, mande occupar a nossa Muatiânvua. podendo s. ex.ª contar com o auctor d'estas linhas para tudo que seja conducente a honrar a Patria.

Manoel Barradas

UM PASSEIO PELO ESPAÇO

E' sempre um espectaculo encantador o contemplar o céo, e mais ainda o céo estrellado, e não creio que haja alguem que, ao contemplal-o, o faça sem pagar um tributo de admiração a essas maravilhas, a essas bellezas do firmamento.

Admira o ver esse innumeravel enxame de pontos brilhantes que nos enviam debeis resplandores de branca e opalina luz.

Não terão essas estrellas outra relação comnosco senão a de brilhar a nossos olhos, e no seu incansavel movimento será seu unico fim apparecer e desapparecer á nossa vista?

E não são certamente as mais proximas e brilhantes as que causam a nossa admiração: as que perdidas a incommensuravel distancia nos apparecem apenas quaes pontos imperceptiveis, são e serão sempre as nossas predilectas

A razão é muito simples: se fazemos percorrer a nossa imaginação um caminho egual ao que alcança a nossa vista, para lá dos limites d'esta achamo-nos transportados a uma distancia quasi infinita, e admiramo-nos de ver que quasi nos encontramos no principio d'esse vasto universo, pois seria ridiculo crer que para além nada existe, como se fôra mais comprehensivel *o nada* que a existencia. Depois da ultima estrella, observariamos ainda outra e mais para lá... o infinito.

Só Deus conhece os limites da creação; a nós, miseros mortaes, é nos vedado penetral-o.

Para que a nossa imaginação pudesse com facilidade discorrer em meio d'essas myriades de pontos brilhantes, conveiu-se em classificar as estrellas conforme o seu maior ou menor brilho.

As mais brilhantes chamaram-se de primeira magnitude, se bem que este nome é independente do seu tamanho e do seu brilho real.

As seguintes, de segunda; atrás d'estas, as de terceira, e assim successivamente até as ultimas visiveis a olho nu que se chamaram de sexta magnitude.

Julga-se que o numero de estrellas visiveis sem auxilio de instrumento é de alguns milhões; não é exacto; esse numero pode ser calculado em 4684 distribuidas do modo seguinte:

18 de 1.ª; 68 de 2.ª; 192 de 3.ª; 428 de 4.ª; 1100 de 5.ª, e 2878 de 6.ª.

Se recorrermos ao telescopio, esse olho gigante que de seculo para seculo se vai rasgando mais, descobrimos constantemente novas estrellas.

Para alem da 6.ª magnitude contamos a 7.ª com 13:000, a 8.ª com 40:000, a 9.ª com 140:000.

Aqui os milhares passam a dezenas de milhar, e as dezenas a centenas.

Telescopios de maior alcance encontraram a 10.ª e 11.ª magnitude, a partir da qual se contam já por milhões. As estrellas de 12.ª magnitude são 9.556:000.

Calcula-se em 45.000:000 o numero de estrellas das 13 primeiras magnitudes. Realmente transformou-se o céo. Já se não distinguem constellações nem divisões; só observamos uma negra escuridão em que se destacam duas ou tres estrellas, e dia ha de vir em que a nossa vista se deterá ante o denso véo que formem myriades de mi-

lhões d'essas estrellas collocadas lá muito longe, quasi no infinito, no proprio infinito.

A estrella mais proxima da Terra é a alpha da constellação do Centauro; e em tanto acha-se distante de nós 196 mil vezes 15 milhões de myriametros.

Ora sendo a velocidade da luz de 70:000 leguas por segundo, temos que a luz emanada pela estrella mais proxima leva tres annos e oito meses para chegar ao nosso globo.

A de Sirio 21 annos e a Polar 31.

Suppõe-se que a luz das nebulosas não leva menos de 5.000:000 de annos para chegar á Terra, d'onde se deduz que a apparição de algumas estrellas é devida a não ter chegado aqui antes a sua luz, se bem que esses astros poderiam muito bem ter sido creados ao mesmo tempo que o nosso mundo.

Isto significa que não ha phenomeno celeste possivel de observar no mesmo instante em que succede, e por consequencia podemos dizer com Arago: «O aspecto do céo em um momento dado conta-nos a historia antiga dos astros, pois não vemos o céo tal como é, senão tal como foi, e não em uma mesma epocha senão em uma infinidade de epochas distinctas.»

No exemplo da Polar (alpha Ursa menor) que acima citamos, dissemos que a sua luz tardava 31 annos; logo a Polar que vemos agora não é a que n'esse instante se manifesta senão a Polar ha mais de 31 annos.

Por uma formula simplicissima pode calcular-se a distancia de uma estrella á Terra: Seja d a distancia, r o semi-diametro da orbita terrestre e p a parallaxe da estrella; teremos:

$$d = r \times \frac{206\ 265}{p}$$

Quanto á velocidade dos seus movimentos, basta attentarmos no seguinte exemplo: a parallaxe da estrella 1830 do catalogo de Groombridge demonstra que a sua distancia é tão grande que este angulo mede apenas um decimo de segundo (0"1) isto é, que uma recta tirada do Sol á estrella verse-ha da Lua, subtendendo um angulo de um decimo de segundo. O movimento apparente é de uns 7 segundos annuaes, isto é, setenta vezes a parallaxe, o que suppõe que essa estrella percorre annualmente um espaço setenta vezes maior que a distancia da Terra ao Sol.

Sendo a direcção do movimento obliqua á linha visual, a sua velocidade deve ser enorme, podendo calcular-se em 82 leguas por segundo, 12 leguas mais que a velocidade da luz.

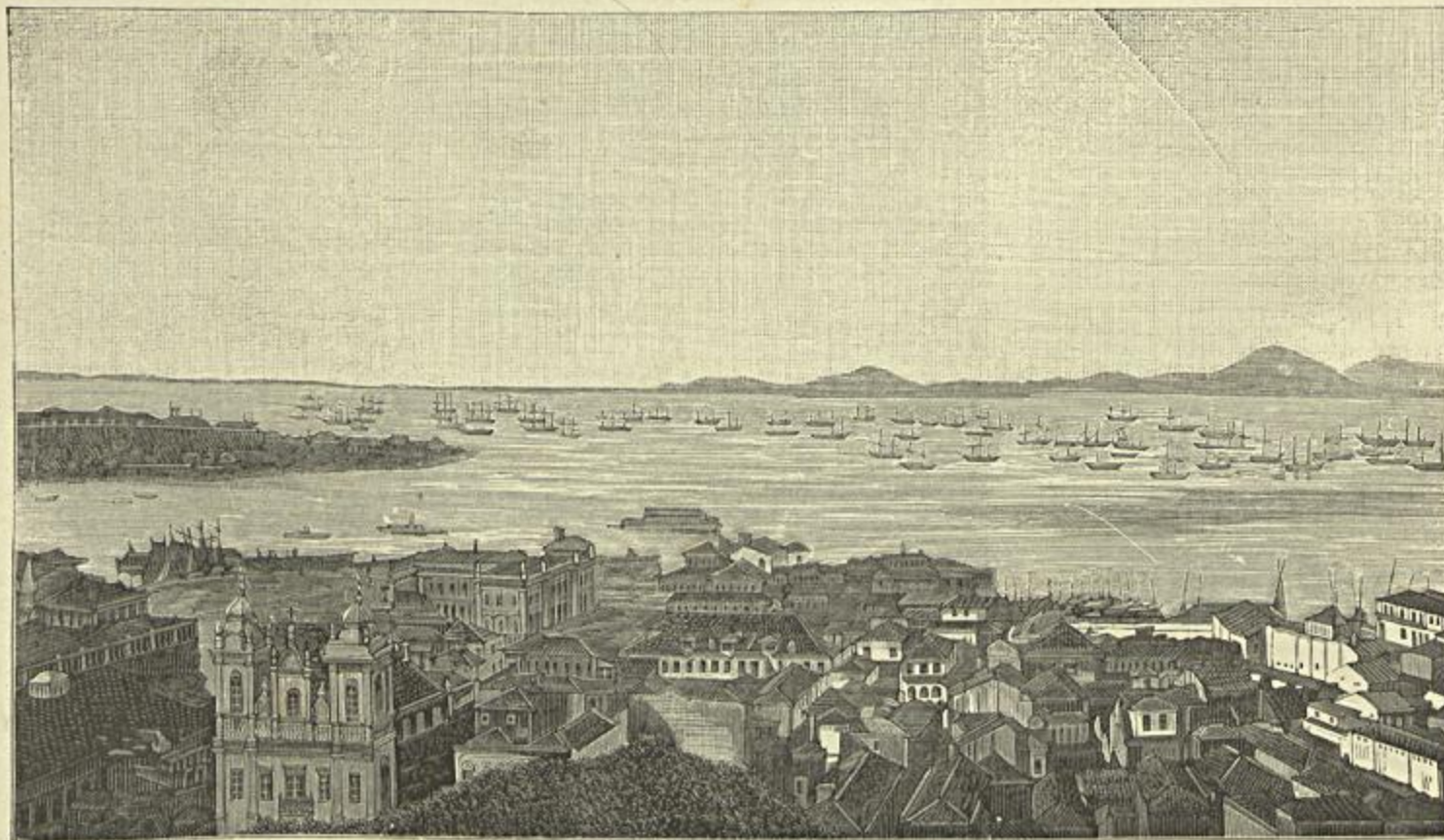
Qual será pois a das estrellas mais distantes?

Impossivel calcul-o.

Quanto aos volumes, podemos, para fixar as idéas, começar pelo Sol. E' sabido que o Sol é

DR. ANTONIO EMILIO DE SÁ BRANDAO — Ministro da Justiça

Vid. artigo — o novo ministerio — pag. 234

(Segundo uma photographia de Fillon)

BRAZIL — Bahia do Rio de Janeiro

(Segundo uma photographia)

simplesmente uma estrella, e ao que parece das menores.

Sabemos tambem que a magnitude apparente dos objectos deminue ao augmentar a distancia.

Se o Sol que dista de nós 38 milhões de leguas, e o seu volume comparado com o terrestre está na relação de 112^3:1, tem um diametro medio apparente de 31'; qual será o volume de uma estrella cujo diametro apparente seja, por exemplo, 0",1, e a sua distancia á Terra é de leguas 7.350.000.000 000 000?

Se Jupiter, que tem um diametro apparente medio de 42" e dista de nós 193 milhões de leguas, tem um volume 1389 vezes maior que o da Terra; qual será o volume de um d'esses pontos luminosos cuja distancia é incalculavel e que com o uso dos telescopios são perfeitamente visiveis?

Deixaremos para outro numero a divisão das estrellas, seus agrupamentos, etc., e para terminar façamos uma pergunta que, diga-se de passagem, teve sempre o privilegio de captivar a attenção dos astronomos e tambem a dos meros pensadores. Que extensão occupam esses milhões de corpos celestes que sem interrupção se succedem no espaço?

A estrella que é nosso sol cai juntamente com a Terra e demais planetas e satellites com uma velocidade de 86 leguas por minuto, ou 5160 por hora, submergindo-se a cada momento, a cada hora, a cada anno, a cada seculo nas immensidades sempre abertas do espaço.

Francisco de Almeida

A CASTELLÃ

Ha muito que tinha descido a noite, e, de vez em quando, ouvia-se o *álerta* das sentinellas que vigiavam o castello, e que, repercurtido de rocha em rocha, ia perder-se ao longe, na solidão dos valles.

A bella castellã, dormitando no seu leito de carvalho, escutava a leitura d'um livro phantastico, que um pagem na força da vida e de olhar petulante, lhe fazia, sentado á cabeceira.

A luz tenue da lampada que estava sobre a meza, bruxuleava constantemente, em consequencia do vento que entrava ás rajadas por um vidro quebrado, das janellas do quarto.

Na occasião porém em que a leitura se tornara mais attrahente, começou a chuva a bater de encontro aos vidros fazendo um rumor tal, que a castellã olhou em volta de si surprehendida.

— Que noite, disse o pagem levantando-se, e approximando-se das janellas para consultar o céo. Parece-me que vamos ter uma noite medonha, de trovoada.

— Oh! Não digaes isso, por Deus! tornou a castellã tremendo de susto.

— Nada temeis, senhora. Estou eu aqui para vos defender, se fôr preciso, retorquiu elle tornando a sentar-se junto do leito e recomeçando a leitura interrompida.

N'este momento, um relampago enorme alumiou o quarto e um trovão retumbou no espaço, fazendo abalar o castello até aos alicerces.

A castellã não poude reprimir um grito de terror e tapando o rosto com as pequeninas mãos, debruçou-se depois para o pagem afim de que este a protejesse.

— Não me abandoneis, não me abandoneis, peço-vos!... Tenho tanto medo de trovões... Ficai vellando ahi junto do meu leito, sim?... implorou com a voz tremula de emoção.

— Far-vos-hei tudo que me ordenardes, senhora. A minha vida pertence-vos.

Segundo trovão se ouviu, mais terrivel ainda que o primeiro, e o vento, entrando com impeto no quarto, apagou a luz que a custo illuminava esta scena.

A castellã puchou então para junto de si o bello pagem e os cabellos anellados das duas formosas cabeças, confundiram se na escuridão da noite.

....

Quando de manhã a aurora, entrou pelas fisgas das janellas, foi acordar o bello pagem que, fazendo um pequeno esforço para se levantar, despertou tambem a castellã.

— Ainda tendes medo de trovões, senhora? segredou-lhe elle ao ouvido.

— Não, tornou-lhe ella sorrindo languidamente.

E lançando-lhe os niveos braços em volta do pescoço, depoz-lhe na bôca um demorado beijo...

Ricardo de Souza

SÉ DO FUNCHAL

(Segundo uma photographia)

Está feito

A MEADA DE LINHA

(Ao distincto escriptor Manoel Barradas)

(Concluido do n.º antecedente)

A morte de Martha veio modificar sensivelmente a vida de Anselmo. O pobre moço que até ali vivera no doce conforto do ninho maternal, depressa principiou a sentir o isolamento em que a morte de sua mãe parecia tel-o deixado. Era grande a falta que o seu coração sentia e para a preencher só tinha um unico meio: o amor de Olinda; seria esse amor o balsamo salutar que viria suavisar a saudade e a dor da sua orphandade.

Olinda assumia agora aos olhos de Anselmo as proporções de um anjo salvador. Era a unica pessoa com quem elle desafogava as suas magoas, e que o fazia sorir no meio da sua tristeza.

Demais Olinda esforçava-se por distrail-o, chegando quasi a ter ciumes d'aquella paixão em que elle andava pela morte de sua mãe.

— Não me tens a mim, ponderava ella. Se tua

mãe te queria muito, eu tambem te não quero menos, e então para que estás assim triste; parece que não gostas de mim, que não me amas...

— Por Deos não me digas tal Olinda, se não fôras tu o meu mal seria muito maior, mas não me sensures pela magua que sinto de ter perdido minha mãe. Bem vez que não tenho outra.

— Pois sim, mas penso que não ficarás toda a vida lamentando uma falta que não tem remedio em vez de procurares destrairte, de fallarmos mais a serio do nosso futuro, para o que já não tens agora impedimentos. Porque não fallas a meu pae?

E não era já esta a primeira vez que Olinda lembrava a Anselmo a conveniencia de fallar ao Morgado, ou melhor, de se lhe dirigir em forma a pedir a mão de sua filha.

Uns certos receios que Anselmo tinha até certa epoca, desappareceram com a morte de sua mãe. Anselmo era considerado um remediado, mas com a morte de sua mãe ficou tido em conta de rico. A velha Martha podera economisar e accumular sem seu filho saber, e quando morreu, os visinhos sempre conseguiram devassar, que ao mecher-se nas arcas para tirar roupas, houve quem visse por lá bons talegos de peças e cruzados novos que deviam montar a centenas de moedas, e isto mais se confirmou, por Anselmo querer comprar uma herdade que estava em venda por vinte mil cruzados.

Esta revelação de riqueza engrandecera Anselmo aos olhos da gente da terra e até o sr. Morgado o tratava com mais familiaridade, mais de egual a egual, o que dispunha tudo ás mil maravilhas para o enlace projectado.

O pedido de Olinda foi satisfeito; Anselmo solicitou, em forma, do Morgado, a mão de sua filha e o seu pedido foi deferido.

Olinda, muito satisfeita, foi communicar a noticia a sua prima, confidente natural dos seus amores, a quem agora podia annunciar já o proximo dia do casamento.

Mathilde, que seguira varios namoros de sua prima, ainda lhe disse: se d'esta vez seria certo, e ficou-se pensativa, lembrando-se talvez que só ella não tinha quem a quizesse.

*
* *

Anselmo comprara a herdade e mandara reparar a casa um tanto arruinada como a fortuna de quem a tinha vendido. Procurava preparar o ninho com um certo gosto, em que não deixava de ser consultada Olinda, que, diga-se em abono da verdade, não era das mais faceis de contentar, com exigencias sempre crescentes que faziam andar o pobre Anselmo em repetidas visitas á cidade, para comprar uma infenidade de cousas tão dispensaveis e superfluas quanto dispendiosas, de modo que as boas economias de Martha iam desapparecendo rapidamente, para satisfazer os caprichinhos da futura esposa de Anselmo.

Olinda revelava-se cada vez mais uma d'essas mulheres, que parecendo desconhecer completamente o valor do dinheiro, e o quanto elle custa a adquirir, não sabem repremir o mais ligeiro capricho, e entregando-se cegamente á paixão do luxo, fazendo constituir a sua felicidade unicamente n'essas futilidades com que alimentam o seu espirito mais futil ainda, de tal modo se habituam a satisfazer os seus caprichos, que contrariar-lh'os é provocar-lhe a annimosidade, o odio.

Anselmo sentia se feliz até certo ponto por poder satisfazer todos os caprichos de Olinda, mas notava muitas vezes que algumas das exigencias que ella lhe fazia, iam alem do rasoavel, iam mesmo alem dos recursos de que dispunha.

Isto inquietava-o um pouco pelo futuro, porque como se sabe Anselmo era um moço sensato e intelligente.

Chegou mesmo a ponto de ter umas certas hesitações sobre o passo que ia dar, e se não fôra o ter compromettido a sua palavra, talvez desistisse de casar com Olinda.

Mas a sua palavra obrigava-o, embora não reconhecesse em Olinda um amor tão sincero e desinteressado como elle imaginava que devia ser, e então pensava na recommendação de sua mãe, no juramento que lhe fizera e que elle tinha de cumprir, e talvez encontrasse a explicação do singular pedido de Martha na hora derradeira da vida.

*
* *

Approximava-se o dia do casamento e tudo estava preparado para a grande bôda.

Na aldeia de ha muito que não se fallava d'outra cousa e todos tinham ido vêr a casa da herdade para onde os noivos deviam ir.

Faziam-se os mais extravagantes commentarios ao que por lá viam e havia muito quem dissesse: foi para aquellas chibanças todas que a pobre Martha tanto trabalhou e aferrolhou nas encoiradas arcas, do que muitos concluiam.

— Guardado está o bocado para quem o ha-de comer.

— Verdade seja que é seu filho, moralisavam alguns.

— Mas a filha do Morgado é que o não é, e se a tia Martha fôsse viva talvez que aquelles regalos todos não aproveitassem á fidalguinha enfeitiçada.

Assim chamavam a Olinda por causa dos seus ataques de nervos, que no dizer da gente da terra, eram feitiços que a moça tinha.

E n'estes commentarios iam fazendo a critica dos noivos, em que não faltava o dizer:

— Mal empregado n'ella!

Anselmo tinha chegado á vespera do casamento sem ter tido coragem de impôr á sua noiva a tarefa de lhe dobar a meada, como jurára a sua mãe, não sabendo como fazer um tal pedido a Olinda.

Mas preoccupado como andava com esta idéa, parecia lhe ouvir a cada instante as ultimas palavras de Martha a recordar-lhe o seu juramento solemne.

A meada foi despendurada do logar onde se conservava e levada por Anselmo á sua noiva.

— Olinda, lhe disse elle, venho cumprir um juramento solemne que fiz a minha mãe á hora da sua morte, e foi de que só casaria com a mulher que me dobasse esta meada sem lhe cortar a linha.

— Que exquisitisse, observou Olinda.

— E' singular este pedido e tão singular que tenho exitado até este momento em o fazer, mas comprehendes que não posso faltar a este juramento, que de resto tão pouco valle.

— Tão pouco que amanhã estará satisfeito o teu pedido. Vae ser hoje o meu serão, disse Olinda despedindo-se do seu namorado.

*
* *

N'aquella noite em casa do Morgado ainda por altas horas se lidava nos preparativos para a festa, e Olinda, por sua parte, estava mais que todos atarefada com o serão.

Logo ás primeiras voltas da meada esta principiou a prender-se e a exigir os maiores cuidados para se desembaraçar, o que em verdade era de moer a paciencia, muito especialmente a Olinda facilmente irritavel pela mais ligeira contrariedade.

Chegou por vezes a dar um puchão mais violento á linha e a pegar na thesoura para a cortar, mas a recommendação de Anselmo, sustinha-lhe o impeto e lá dava mais uma ou duas voltas á meada.

Cada vez, porém, mais se irritava, principiando a sentir-se humilhada com aquella imposição do seu noivo.

— E se eu a não dobasse, pensou ella. Não casaria comigo, conforme o juramento que fez. Mas, isso agora seria uma vergonha que meu pae não lhe perdoaria e eu muito menos. E voltava á meada revolvendo a tanto como no seu cerebro se revolviam, em porfiada lucta, mil idéas contradictorias.

Mas não podia ser; na impaciencia em que estava cada vez se tornava mais difficil a tarefa, e foi n'esta situação desesperada que Mathilde entrou no quarto de Olinda levada pela curiosidade de vêr o que estaria sua prima fazendo de pé a hora já tão adiantada da noite.

— Chegas na melhor occasião, disse Olinda ao ver sua prima, bem me podias ajudar a dobar esta meada.

— Mas que empenho é esse em que estás de dobar uma meada a estas horas! Observou Mathilde.

— Um capricho. Jurei a mim mesmo que a havia de dobar esta noite, mas está tão embaraçada que desespero de o fazer sem a partir.

— Isso por modo nenhum, é uma pena estragar tão boa linha. Com paciencia tudo se hade fazer. Deixa vêr se eu a dobo, não seria a primeira, e dizendo isto Mathilde acercou-se da dobadoura e principiou o seu trabalho.

*
* *

No dia seguinte logo de manhã muito cedo, Anselmo, que não socegara toda a noite pensando na meada que ia decidir da sua sorte, dirigiu-se para casa do Morgado para fallar a Olinda.

Disseram-lhe, que estava ainda recolhida, e Mathilde, que já lidava no pateo vigiando e ajudando o trabalho dos moços e das moças nos preparativos da bôda, disse a Anselmo.

— Minha prima deitou-se muito tarde e não passou bem a noite.

— Está doente, perguntou Anselmo com interesse.

— Não foi por doença, felizmente, que ella passou mal, mas muito contrariada com uma meada que tinha para dobar, acudiu Mathilde, que ignorava o que se passara entre sua prima e Anselmo.

— E sempre dobou a meada, interrogou Anselmo com grande curiosidade.

— Ella não conseguiu dobal-a mas dobei-a eu para a tranquilisar, porque vi minha prima muito exaltada. Um capricho como muitos que tem e mais nada.

— Então foi a menina que a dobou, disse Anselmo surprehendido e acudindo-lhe á lembrança as palavras de sua mãe.

— Fui, respondeu Mathilde muito singelamente, e foi-se a enramilhetar umas flores que um moço trazia do jardim.

Anselmo ficou pensativo a seguir com os olhos a Mathilde, que sem querer nem saber acabava de ferir-lhe tão rudemente o coração.

Antes não quizera saber n'aquelle instante o que Mathilde lhe revelára tão ingenuamente. No seu coração principiava a travar-se uma lucta horrivel que devia dicidir-se dentro em algumas horas.

Entre o amor de Olinda e o juramento que fizera a sua mãe levantava-se uma barreira invencivel. Restava ainda saber uma coisa para se certificar mais se sua mãe tinha razão: Olinda apresentar-lhe-hia a meada como se fosse dobada por ella, ou contar-lhe-hia a verdade do que se passara.

Anselmo foi para casa e escreveu um pequeno bilhete pedindo a meada á sua noiva.

O portador voltou algumas horas depois com a meada dobada e este bilhete:

Anselmo

«Satisfiz o teu pedido que foi uma dura imposição.

Perdi a noite mas dobei a meada. Deves ficar satisfeito com esta prova de dedicação.»

Olinda

E assim me engana já, murmurou Anselmo amarrotando o pequeno papel.

Agora comprehendo todo o valor da herança de minha mãe.

N'aquelle mesmo dia o Morgado e Olinda receberam cada um uma carta de Anselmo expondo a impossibilidade em que se encontra a de poder realisar o seu casamento.

Não sei o que o Morgado pensou da resolução de Anselmo, mas Olinda ferida no seu orgulho, mais uma vez contrariada nos seus amores, acceitou a côrte do primeiro namorado que se lhe deparou e d'aquella vez o pae teve de a casar com vontade ou sem ella para não contreriar sua filha.

Em breve, porém, se arrependeu, porque Olinda poucos mezes depois de casada, voltou-lhe para casa, imposta pelo marido que a não podia aturar.

*
* *

Algum tempo depois Mathilde encontrou emfim um mancebo que a quiz, e na casa da herdade celebravam-se festivamente as bôdas de Anselmo e Mathilde.

Martha tivera razão de deixar a meada de linha a seu filho, porque Anselmo bemdisse sempre d'aquella herança de sua mãe.

Caetano Alberto.

NOVIDADES DA SCIENCIA

Relogio decimal. — M. Charles Richardson, apresenta no *Scientific American* uma curiosa proposta para que se adopte o systema decimal na medição do tempo formando-se n'esse sentido os relogios que deverão em logar de *12 horas* marcar *10 horas* sendo o circulo pequeno dos segundos graduado em 100 divisões.

O systema segundo o modo de ver do illustre mathematico é o seguinte que se nos affigura simplicissimo.

O dia é dividido em *10 tempos*, o tempo em *10 decimos*, o decimo em *10 minutos*, o minuto em *10 pulsações*, e a pulsação em *10 relampagos*, unidades que expressas em minutos dos actuaes, valem 144; 14,4; 1,44; 0,144 e 0,0144.

Cem pulsações equivalem a um decimo, ou 14,4 minutos dos actuaes; mil a 144 minutos, *dez mil* ao dia actual de 24 horas.

E' simples e clara, mas difficil será acabar com a classificação seguida ha tantos seculos.

O Erygmatoscopio. — Curioso instrumento inventado por Mr. Trouvé da Academia das Sciencias de Paris.

O nome d'esse apparelho que vem de duas palavras gregas que significam *eu vejo* e: *orificio cavado na terra*, destina-se á observação das camadas de terreno atravessadas pelas sondas exploradoras.

Diz a *Nature* que o erygmatoscopio consiste em uma lampada de incandescencia, de grande força resguardada por um tubo cylindrico. Uma das superficies hemi-cylindricas constitue o refractor, a outra de vidro muito grosso deixando prepassar os raios luminosos vae illuminar com grande intensidade as camadas de terreno, depois do apparelho ter sido introduzido no orificio aberto pela sonda.

A base inferior é um espelho elliptico e a base superior aberta, afim do observador examinar os terrenos cuja imagem se reflectem no espelho.

Por este novo apparelho póde examinar-se o terreno á profundidade de 200 a 300 metros.

Parece que o sr. conselheiro Marianno de Carvalho e o sr. Paiva de Andrada, levaram para Moçambique, na expedição que se está realisando, um d'estes curiosos instrumentos que em Paris lhes foi mostrado pelo seu inventor.

Novo sustento dos bichos de seda. — Uma dama da Colombia (Carolina do Sul) que é eximia creadora de bichos de seda, na impossibilidade de lhes procurar folhas de amoreira para alimento, deu-lhes, como experiencia, a ortiga branca *(ramie)* e viu com grande satisfação, que elles devoravam o novo alimento com verdadeira avidez.

Continuou pois a fornecer aos bichos o mesmo alimento. Os casulos enviados para Philadelphia foram examinados pelos entendedores que os acharam mais volumosos que os dos bichos sustentados a folhas de amoreira, produzindo além d'isso uma seda mais fina e consistente.

Trata-se agora de favorecer essas experiencias com as quaes tem muito a lucrar a sericicultura.

A cultura da ortiga branca *(ramie)* dá-se perfeitamente nos paizes temperados como o nosso onde já está sendo cultivada.

Extinguidor de incendio automatico para candieiros. — Parece que se acha resolvido o problema de se obstar ao derramamento do petroleo e outros liquidos inflammaveis dos candieiros, quer estes sejam de suspensão, quer de uso ambulante.

Um chimico notavel da Romania, Mr. Murguetz, acaba de tirar diploma de invenção, em todos os paizes industriaes, de um *extinctor* automatico, que adaptado ao bico do candieiro o tapa hermeticamente sem que se derrame uma só gôta de liquido, interceptando a chamma da luz de sorte que esta se não communique a objectos externos.

Esse apparelho, que é muito simples, actuando na quéda do candieiro pelo seu proprio peso, póde applicar-se a toda a especie de bocaes rasgados, circulares ou duplos.

A invenção está sendo applicada com excellentes resultados, e cremos que em breve a teremos entre nós, como já tem acontecido a muitas outras que aqui temos annunciado.

S. P.

REVISTA POLITICA

A attitude dos partidos perante o governo é por emquanto reservada e polida, a vêr em que param as modas, e isto muito principalmente por parte do partido regenerador, o que prova que é esta facção politica a que menos domina no seio do gabinete, porque de resto a respeito de governo extra-partidario, não passa de um modo de dizer.

São os jornaes progressistas os que mais se acocoram diante dos novos ministros, e os que pedem mais economias, mais moralidade, mais cortar a direito, e tudo isto porque esperam que não serão os progressistas os arrastados pela rede, prova de que é este partido o que mais domina na situação.

Ora nós que não acreditamos nem em uns nem em outros, não acreditamos tambem nas economias, na moralidade e no cortar a direito do novo governo, porque estamos convencidos que na hora em que elle pozesse por obra estas idéas moralisadoras de cortar a direito, o mesmo era que um ministerio morto, como aconteceu ao ministerio do bispo de Vizeu, que Deos haja.

Pouco viverá quem não se convencer d'esta verdade, caso haja ainda algum ingenuo que acredite na sinceridade dos partidos, nesta boa terra em que a politica é a farça mais bem acabada, que deixa a perder de vista todas as farças pulhas e ridiculas do velho theatro e que nem sequer merece as honras do *Tartufo*, de Molier, demasiado fino para se comparar aos varios tartufos que para ahi enchameiam.

Parece-nos que não é a primeira vez que affirmamos estas idéas desconsoladoras, e para que nos não façam boneca, não insistiremos n'este ponto, e vamos passando em revista o que tem occorrido n'estes ultimos dez dias.

Um dos factos mais importantes é a nova feição, que se diz, vae tomando a questão com a Inglaterra, feição, que tambem se diz, mais favoravel aos nossos interesses e a nossa dignidade, para o que, tambem se diz, que influiu a triplice aliança junto do governo inglez.

Nós temos certas duvidas sobre este negocio, e por isso lançamos a responsabilidade do ceu côr de rosa que ora quer romper, ao irresponsavel *diz-se*, que, sem comprometter ninguem, tanto põe em circulação as patranhas mais innocentes, como as verdades mais amargas.

Bem sabemos que os telegrammas dizem que a questão ingleza entrou em um novo caminho; que o secretario da legação portugueza em Londres, o sr. Soveral, teve uma larga conferencia com lord Salisbury, em que parece ter-se chegado a um novo accordo honroso para ambas as partes.

Mas, palavras são palavras, e factos são factos, exactamente como aquelle massador barbeiro das *Intrigas no Bairro*, que dizia:

«Quando eu digo o preto é preto
É porque o preto não é branco.»

. . . .

e esses factos mostraram que o *honroso accordo* para ambas as partes, a que se tinha chegado com o tratado de 20 de agosto, é a belleza que todos vimos e podemos apreciar, o que põe no nosso espirito as mais receiosas duvidas sobre o que os apreciadores do tal tratado entendem por honroso ou por simplesmente indigno.

Se vamos por este colher de honrarias, chegamos a ser o povo mais honrado do universo, embora os outros possam julgar-nos o mais possilanime.

Estejamos, portanto, prevenidos para as novas *vantagens* que a Inglaterra se diz conceder a Portugal em Africa, pela simples razão da ordem natural d'este negocio andar invertida, desde que a Portugal é que assistia o direito de fazer essas concessões á Inglaterra.

E o grande caso é que esta affirmação, que parecerá uma fanfarronada peninsular, em presença da decadencia a que chegámos, podia muito bem ser a posição em que Portugal se achasse para com a Inglaterra n'este momento, se a nefasta politica que se tem seguido não tivesse levado a essa decadencia moral, que nos mata muito mais depressa do que a decadencia material.

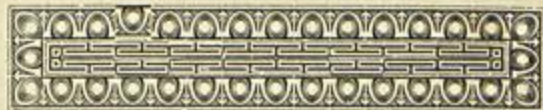
Temos a convicção intima de que se a nação se soubesse collocar no seu logar, inaugurando uma politica exclusivamente patriotica, em que a moralidade triumphasse em toda a linha a robustecer-nos as nossas forças e os nossos direitos, chegariamos então a accordos honrosos que tanto se firmariam na nossa força moral, como na força material que na Africa poderiamos oppôr á cobiça do bretão.

Tudo que não fôr isto, serão apenas paliativos com que cada vez mais debilitaremos as nossas forças, e mais nos afundaremos no abysmo que andamos a cavar ha tantos annos com a mais tola inconsciencia.

Uma boa parte da nação parece ter comprehendido esta verdade, e por felizes nos dariamos se se operasse a transformação. Para isso apparece uma liga patriotica que, segundo a sua affirmativa espera alcançar o milagre.

Respeitemos as santas intenções que a animam, e não seremos d'aquelles que as pretendem lançar ao ridiculo, provavelmente porque não conhecem bem os fundamentos d'essa liga e as proporções que ella poderá tomar independente da politica militante.

Que ao menos nos bafeje uma esperança, a não ser que afinal nos surja para ahi algum novo Menino Virtuoso.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Novo Torpedo. — No dia 17 de julho ultimo teve logar proximo de Vienna, n'um braço do Danubio em Nussdorf, uma curiossima experiencia com um novo torpedo apresentado pelo conde Buonacorsi, o qual parece haver dado resultados superiores aos do torpedo Whitehead. O ar comprimido do torpedo opera directamente sobre o propulsor, sem que para isso careça do intermedio de qualquer machina, conseguindo-se maior velocidade e duração no seu movimento. Este torpedo dispensa além d'isso o emprego das redes Bullivan, que passam por debaixo do seu bordo.

Suppõe que em Kiel tambem se fizeram experiencias com o mesmo torpedo, com quanto nada se saiba dos seus resultados.

O cruzador «Le Tage». — Visitou o nosso porto este novo navio de guerra da marinha franceza, que pertence á cathegoria dos cruzadores de baterias protegidas, protecção que consiste n'um forro de cellulose nos porões de carvão collocados lateralmente á altura da fluctuação, e no couraçamento do convez á mesma altura.

Todo d'aço, a sua construcção é muito solida, e tem excellentes qualidades para a navegação como se tem provado nas suas viagens de experiencia.

As suas dimensões são: 124^{m}80 de comprimento, 16^m de largura, calando em media 6^{m}95, e deslocando 7.400 toneladas.

O seu armamento consta de dez peças de 14 centimetros na bateria, 8 de 16^m no convez, duas de 47^{mm} de tiro rapido e quatro de rewolveres nos cestos das gavias; cinco de 4^{mm} e doze rewolveres de 37^{mm} nos quatro projectores electricos de grande intensidade; quatorze torpedos para serem lançados por 7 tubos, da seguinte maneira: dois em caça, um em retirada e quatro pelos costados.

A sua velocidade é grande, tendo percorrido mais de 19 milhas nas experiencias officiaes; tendo a grande vantagem de consumirem muito pouco carvão as tres caldeiras de quatro fornalhas cada uma, que fornecem vapor para duas machinas de tres cylindros que põem em movimento dois helices de quatro pás desdobradas.

Tem mais tres caldeiras auxiliares para illuminação electrica produzida por tres machinas, apparelho de compressão para carregar torpedos, manobra do guindaste e das ancoras, manobra de seis guindastes do carvão, movimento d'um distillador do systema Cousin, e do projector electrico.

A sua guarnição é de 525 praças.

Companhia Portugueza de Lourenço Marques. — Acaba de fundar-se em Lisboa uma companhia com o titulo acima, e do capital de 1000:000$000 de contos com o fim de promover o desenvolvimento de Lourenço Marques, aproveitando as riquezas naturaes d'aquelle paiz, e de o dotar com todos os melhoramentos materiaes que o tornem um dos primeiros centros commerciaes da Africa Oriental.

São socios fundadores d'esta companhia, o Banco Nacional Ultramarino, o Banco Lisboa & Açores, o Consultorio de Engenheria Civil e Architectura, e os srs. Lima Mayer & Filhos, Bensaude & C.^{a}, conde de Ortolini, visconde de Valmor, Polycarpo Anjos, João Tolardes O'Neill, Alves Diniz & Irmãos, Victorino Vaz Junior, Antonio Joaquim de Oliveira Alfredo de Queiroz Guedes, e E. J. Brochado.

Exposição na Bohemia. — Projecta-se para o proximo anno de 1891 uma exposição na Bohemia para celebrar o centenario da primeira exposição industrial do continente, em Praga, no anno de 1791. Esta exposição é feita sob a protecção do imperador d'Austria Francisco José I, e terá um annexo internacional onde poderão figurar os productos de todos os paizes.

O representante do *Comité* executivo d'esta exposição em Lisboa é o nosso estimado amigo e collaborador do Occidente o sr. L. de Mendonça e Costa, proprietario e director da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* com sede no largo do Conde Barão, 18, o qual fornece todos os esclarecimentos que lhe forem pedidos sobre a referida expo-

sição. No interesse das pessoas que quizerem concorrer a este certamen das artes e das industrias, publicamos em seguida o programma que diz respeito á exposição internacional:

§ 1.°—Haverá uma secção internacional:

1.° — de apparelhos para prevenir os sinistros nas fabricas e officinas.

2.° — de patentes, invenções e marcas de propriedade industrial em geral.

§ 2.°— A secção dos instrumentos destinados a occorrer aos sinistros, conterá:

Machinas, apparelhos, instrumentos, materias, modelos, desenhos, p'anos, photographias, descripções e litteratura sobre accidentes e meios de os evitar. Serão admittidos:

I. Objectos de industria mechanica.
II. Industria chimica.
III. Industria de minas e metallurgia.
IV. Architectura.
V. Transporte.
VI. Illuminação, ventillação e incendio.
VII. Grupo especial de industria e artes.
VIII. Litteratura..

A 2.ª divisão da XXVII secção da Exposição de Praga, conterá, como acabamos de dizer, as invenções novas ou com patentes, e todos os objectos que se relacionam com a propriedade industrial em geral, isto é, os objectos que podem ser protegidos pelas leis das patentes, desenhos e marcas industriaes.

§ 5.° Serão dados premios aos expositores por uma commissão particular, cujas prescripções se publicarão mais tarde.

Os premios compôr-se-hão de diplomas de honra, medalhas de ouro, prata e bronze, offerecidas pelo Estado, pelo Conselho de Agricultura, pelas Camaras de Commercio, pela cidade de Praga, e por differentes corporações. Haverá tambem premios em dinheiro e menções honrosas. Os meritos notaveis dos collaboradores serão recompensados com premios particulares.

Os expositores que desejem ser considerados fóra de concurso, deverão fazel o saber antecipadamente.

§ 7.° Prescripções particulares:

2.° — RECEPÇÃO. —A recepção dos objectos para a Exposição começa antes do dia 1 de março de 1891 e termina antes do dia 15 de abril de 1891. Até 26 de abril de 1891 todos os objectos deverão ser desenfardados e installados. A Commissão póde livremente dispôr de todos os logares que não estejam occupados até áquella epocha.

3.° — EXPEDIÇÃO.—Aos expositores incumbe fazer á sua custa a expedição dos seus productos para o local da Exposição.

PROPRIEDADE INDUSTRIAL

Patentes: Cada invenção póde obter a respectiva patente em toda a monarchia austro-hungara —mediante 50 fl. ou 8$000 réis approximadamente, sendo para isso necessario que por procuração legalisada no consulado d'esse paiz, o interessado nomeie um representante que deve ser domiciliado na Austria Hungria. O direito exclusivo da patente começa no dia e hora do deposito.

Desenhos: Para deposito de um desenho, basta apresentar dois exemplares acompanhados das indicações usuaes. O custo é de cerca de 6 fl. ou 10 francos, quando este deposito se faça por meio de um intermediario.

—

Todos os esclarecimentos serão gratuitamente prestados;

Em Lisboa—pelo representante da exposição—L. de Mendonça e Costa—Redacção da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*—Conde Barão, 18.

Em Praga — pelo sr. Arthur Gobiet Karolinenthal.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Publicações da Companhia Nacional Editora recebemos as seguintes:

A Moda Illustrada, n.° 283 do 12.° anno.

As farpas, pelo sr. Ramalho Ortigão. Fasciculo 85.

Astronomia Popular, de Flammarion. Fasciculo 37.

A terra Illustrada, por O Reclus. Fasciculo 27.

Bibliotheca Universal Antiga e Moderna, vol. 63 — *A Côrte na Aldeia*, por R. Lobo.

Egypto, por Jorge Ebers. Obra monumental, illustrada com gravura e esplendidas aguarellas. Traducção do sr. Oliveira Martins. Fasciculo 12.

Julio Verne — A Familia Cascabel. — Edição illustrada, caderneta n.° 10. Preço 50 réis.

Linda de Chamounix, por A. d'Enney. Caderneta 49.

O Diabo na Côrte, por Ortega y Frias. Folhas 24 a 28

O Melro Branco, de Barrili. Traducção do italiano. Aventuras de viagem cantadas pelo capitão Dodero e magnificamente illustradas por Buanamore. Caderneta 22.

Orlando Furioso de Ariosto, illustrado com as celebres composições de *G. Doré* Fasc. 23

A Lenda da Meia Noite, por M. Pinheiro Chagas, collecção Antonio Maria Pereira, editor, Lisboa. É uma nova edição d'este romance, uma das mais brilhantes producções de Pinheiro Chagas.

A Lunda ou Estados de Muatianvua *dominios da soberania de Portugal, comprovados pela antiga expansão e influencia dos Portuguezes, convenções com as nações estrangeiras e Estado Livre do Congo sobre a divisão politica do Continente Africano; tratados, declarações e convenções com os diversos potentados dos Estados indigenas, embaixadas que teem vindo a Loanda e ainda pela correspondencia official trocada entre o chefe da expedição portugueza ao Muatianvua de 1884-1888 com as diversas auctoridades portuguezas e indigenas, memoria* por Henrique Augusto Dias de Carvalho. Lisboa 1890. Um volume de 421 pag.ªs in 8.° dedicado pelo auctor ao sr. duque de Palmella. É mais um trabalho importante do benemerito africanista que esclarece completamente o que deve fazer o governo portuguez para defender este importante paiz das pretenções do Estado Livre do Congo.

A apreciação d'esta obra não cabe aqui e por isso d'ella se occupará o OCCIDENTE em artigo especial.

LOCOMOTORA ELECTRICA DE IMMISCH

Relatorio *dos actos das mezas da Santa Casa da Misericordia da Figueira da Foz nos annos economicos de 1882-1883 a 1889-1890* pelo provedor que presidiu ás referidas mezas Affonso Ernesto de Barros, etc. Coimbra, 1890. Este relatorio é acompanhado de grande numero de documentos e seguido de curiosas notas historicas sobre este estabelecimento de caridade.

Almanach da Revista Illustrada 1891. — Livraria de Antonio Maria Pereira, editor. Lisboa. Um bello almanach que apparece este anno a tomar um logar distincto entre as publicações do mesmo genero, que por este tempo afflnem ao mercado de livros.

O Instituto *Revista Scientifica e Litteraria*, vol. XXXVIII, julho de 1890. Segunda Serie, n.° 1. Coimbra. Publica este numero os seguintes artigos. Faculdade de Theologia (Discurso), pelo dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos; Oração Academica, pelo dr. Augusto Antonio da Rocha; Questão entre José Anastacio da Cunha e José Monteiro da Rocha, por Antonio José Teixeira; O sexto centenario da Universidade de Montpellier, por J. Henriques; Francisco Vieira Lusitano (apontamentos biographicos), por Julio de Castilho; Manoel Correia de Montenegro, (um correctôr de Camões), por Souza Viterbo; Fabulistas Portuguezes (Esbocetos) XXIII Antonio Luiz de Seabra, por F. P.; Apologos, O Corvo e o Cavallo, Ad Fuscum Aristium (poesia), por Antonio Luiz de Seabra e Horatius; Encerramento da Universidade, por M; Universidade de Coimbra, Premios e informações boas e distinctas (anno lectivo de 1889-1890), etc.

Policia Civil de Lisboa. *Mappa Estatistico do anno de 1889.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1890. E' das mais interessantes a estatistica que nos afferecem estes mappas, que dão a medida da civilisação da capital, e assim extrataremos alguns que nos parecem mais curiosos: No que diz respeito ás prisões effectuadas durante o anno de 1889 encontramos uma nota agradavel, pois tendo se effectuado 11:940 prisões, foram ainda assim menos 422 do que no anno de 1888. No mappa da naturalidade dos presos encontramos que 4:734 eram naturaes de Lisboa e depois d'esta o que deu maior contingente foi a Hespanha com 1:160 presos naturaes d'aquelle paiz. Os solteiros foram os que mais contribuiram para a estatistica das prisões, elevando-se a 9:233, contribuindo os casados com 2:230 e os viuvos com 460. As idades em que se effectuaram maior numero de prisões foi entre os 20 a 40 annos. No mappa das profissões dos presos encontramos 2:126 trabalhadores, 762 carroceiros, 691 vadios, 448 cocheiros, 411 sapateiros, 378 carpinteiros, 319 pedreiros, 311 serviçaes, 305 maritimos, 255 serralheiros, 235 moços de fretes, 213 padeiros, 182 vendilhões, 168 cauteleiros, 159 caixeiros, 153 negociantes, 106 pintores e das mais profissões para baixo d'astes numeros. A importancia de roubos accusados por queixas apresentadas á policia foi de 43:203$070. Sempre ha muitos ladrões!

Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43